

O ENSINO DE FILOSOFIA COMO FACILITADOR PARA AQUISIÇÃO DE HABILIDADES COGNITIVAS

Eduardo Jablonski¹

RESUMO

O presente artigo é um estudo de caso sobre um adolescente de inclusão com problemas de fala e retardamento mental. Levantamos a hipótese de que ele teria condições de interpretar textos filosóficos, mas somente se passasse antes por exercícios de silogismo para que tivesse condições de exercitar o pensamento lógico. A seguir, repassaríamos textos simplificados de filosofia para averiguar se teria condições de interpretá-los. O estudo ingressa na esteira da lei de Inclusão, que entrou em vigor em 2015. A importância de proceder a um trabalho como este é que os professores formados em licenciaturas nos anos de 1990 e 2000 não estudaram como lidar com pessoas deficientes. Mas algumas especializações já vêm oferecendo disciplinas para o estudo de como o cérebro funciona, o que minimizaria essa dificuldade.

Palavras-chave: Funcionamento do Cérebro. Lei de Inclusão. Linguagem Filosófica.

ABSTRACT

This article is a study about a teenager who has problems to speak and mental disabilities. We rise the hypothesis that he could understand philosophical texts, only if they were simplified, but after studying silogism. This study was done because of the law that creates the right to include disable people into the normal school, law that exists since 2015. This study is important because the teachers who graduated in the 1990s or in 2000s didn't study how to teach disable people. But nowadays some specializations bring assignatures that study how the brain works. Key words: How the brain works. Law of disable people. Philosophical language.

¹ Mestre em Letras pela UFRGS e professor na Faculdades FG.

1 INTRODUÇÃO

O tema deste artigo científico é a inclusão de alunos deficientes na interpretação hermenêutica de textos filosóficos. Sobre a delimitação do tema, pretendemos simplificar a linguagem filosófica em textos simples, para que um aluno específico de 7º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Santo Antônio da Patrulha tenha condições de entender textos simplificados que abordem ideias de filósofos antigos. Antes, porém, faremos o aluno passar por um treinamento com dez exercícios de silogismo, a fim de instrumentalizá-lo no sentido de ter maiores condições de interpretar os textos que virão na sequência. O ensino de filosofia poderia ser um facilitador para o desenvolvimento de habilidades cognitivas. A ideia é desenvolver essa metodologia em duas partes: primeiro com exercícios de silogismo e depois com a interpretação de textos filosóficos simplificados - surgiu, porque já damos aula a esse aluno há três anos, e ele nunca interpretou corretamente nenhum tipo de texto. Portanto, se conseguisse dessa vez, seria uma enorme conquista para ele.

Levantamos a hipótese de que, traduzindo os termos filosóficos para uma linguagem do dia a dia e retirando a complexidade das ideias, conseguiremos fazer com que um rapaz de 15 anos com retardamento mental, problemas auditivos e de comunicação tenha condições de interpretá-los, mas apenas se, antes disso, fizer exercícios de lógica.

O objetivo geral, portanto, é facilitar o acesso de textos filosóficos a pessoas portadoras de necessidades especiais, e o objetivo específico é proporcionar a um caso de inclusão que tenha condições de ler e interpretar textos simplificados com pensamentos de filósofos da Antiguidade e da Idade Média.

Justificando a escolha do tema, no dia 6 de julho de 2015, foi promulgada a Lei 13.146, que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Portanto, a partir desse momento, as escolas de todo o território nacional passaram a abrigar em sala de aula pessoas com os mais variados tipos de

deficiência. Nas faculdades de licenciatura em geral, os acadêmicos não estudam como lidar com esses casos. Há instruções apenas em cursos de especialização com o oferecimento da disciplina de Neurociência da Educação e, a partir da bibliografia trabalhada nessa cadeira, os estudantes encontram subsídios para entender de que forma o conhecimento se dá e como uma pessoa deficiência o adquire. De acordo com Anna Simmonds, “most teachers (60 per cent) said that they knew ‘just a little’ about neuroscience”. (2019, p. 7) No Brasil, raros professores diriam isso, exatamente, porque em geral não se estuda neurociência nas graduações.

Assim, essa pesquisa vai se inspirar na lei e ainda pedirá auxílio a obras como *O que o cérebro tem para contar*, de V.S. Ramachandran; “Las neuronas de la Lectura”, de Stanislas Dehaene; *How neuroscience affects education*, de Anna Simmonds. De certa forma, haverá uma boa parte de pesquisa bibliográfica, mas o que se fará é um estudo de caso.

Antes de ingressar na fundamentação teórica, nas atividades simplificadas e na análise dos resultados dela obtidos, vamos esclarecer o caso de inclusão com quem estamos trabalhando, sem citar nomes nem da escola, nem do menino. O rapaz tem síndrome de Dandy, retardo do desenvolvimento neuropsicomotor, retardo do desenvolvimento fisiológico normal, surdez neurossensorial e retardo mental leve. Na prática, é um rapaz de bom relacionamento, dócil, que faz todas as atividades propostas e sempre com boa disposição, nunca se altera, ainda que em situações drásticas de falta de respeito e indisciplina que geralmente se veem em escolas de ensino fundamental e médio.

Sobre os silogismos, que é a primeira etapa da metodologia, criamos dez deles com elementos conhecidos pelo aluno, personagens de desenho animado de quem ele gosta, o nome da sua tutora etc. Também tomamos emprestado lições de um livro feito para ensinar filosofia a crianças: *Grandes filósofos falam a pequenos filósofos*, escrito por Sophie Boizard e Laurent Audouin. Se os textos forem realmente simples, os reproduziremos para o aluno de inclusão. Se não

forem, simplificaremos ainda mais e analisaremos os resultados da sua interpretação de textos. Antes disso, no entanto, veremos o que a literatura especializada tem a dizer sobre como cérebros lesionados funcionam no sentimento de aprender.

2 COMO CÉREBROS LESIONADOS FUNCIONAM

Ramachandran mostra casos dos mais diversos e como o cérebro se moldou a situações diferentes, mas a diferença é que ele trabalha com situações de pessoas que tiveram o cérebro afetado em acidentes. O nosso aluno nasceu com o cérebro lesionado. É uma situação um pouco diferente, mas tentamos extrair os ensinamentos que sejam possíveis para o caso em estudo. Neste capítulo, vamos colher pensamentos dos autores, visando entender como um cérebro lesionado funciona.

Ramachandran afirma que “pequenas lesões nessa parte do cérebro fazem pacientes perder habilidades aritméticas” (2018, p. 108). Não é o que estávamos procurando, mas supomos que, se há lesões cerebrais que fazem as pessoas perderem habilidades aritméticas, devem existir as que lhes dificultam a interpretação de textos.

O autor afirma que, “desde o século XIX, grassa um debate entre frenologia – a noção de que diferentes funções estão precisamente localizadas em diferentes áreas do cérebro” (2018, p. 109). Sendo a teoria verdadeira, é provável que alguma parte do cérebro seja responsável pela habilidade de interpretação de texto.

Segundo o autor, “quando o giro angular é danificado por um acidente vascular cerebral ou um tumor, um paciente pode ainda ser capaz de identificar números, mas pode não conseguir mais dividir ou subtrair”. (2018, p. 110) No caso do nosso aluno em questão, ele nasceu com deficiência mental. No 6º ano do ensino básico, apenas identificava as letras, mas não sabia nem ler ou escrever, exatamente como o caso acima, que reconhece os números, mas não sabe calcular. No entanto, com atividades simplificadas de escrever vocábulos

com duas sílabas simples sem encontros consonantais e posteriormente produção de frases simples, ele foi aos poucos aprendendo, repetiu o 6º uma vez e, na segunda vez no 6º e agora no 7º, já consegue ler e construir frases simples. Mas registrou problemas de interpretação.

“Sabemos que o cérebro normal não vem pronto, com áreas nitidamente empacotadas e claramente delineadas entre si. No feto, há uma superproliferação inicial de conexões que vão sendo podadas à medida que o desenvolvimento prossegue.” (RAMACHANDRAN, 2018, p. 111) Em outras passagens no mesmo livro, o autor garante que o cérebro corta conexões que não são mais usadas, mas também faz acréscimos de conexões em realidades em que são muito utilizadas. No nosso aluno, deve ter acontecido essa relação, porque passamos dois anos no 6º e um no 7º praticando a escrita das mais variadas formas, até que ele conseguiu provavelmente gerar várias conexões cerebrais no sentido da alfabetização, mesmo com lesões no cérebro, e aprendeu a ler e a escrever.

“Não admira que pacientes com lesão na região percam a capacidade de nomear coisas (anomia), mesmo que possam reconhecê-las.” (RAMACHANDRAN, 2018, p. 114) O nosso aluno em questão talvez não tenha condições de nomear as coisas, nunca escutamos ele fazer isso. E outro detalhe: ele também não consegue falar direito, pois apresenta inúmeros problemas de dicção. Nós mal entendemos o que diz. O aluno em geral reproduz na escrita a forma como ele fala os vocábulos. Por exemplo, em vez de dizer “João”, nome de um colega de aula, ele diz “Jão”, porque ele fala assim.

“A linguagem não está confinada a nenhuma área cerebral única, mas o lobo parietal inferior esquerdo é sem dúvida uma das áreas crucialmente envolvidas, em especial na representação do significado das palavras.” (RAMACHANDRAN, 2018, p. 137) A comunicação do nosso aluno é extremamente defeituosa. Para uma pessoa entendê-lo, deve estar familiarizado com sua fala. É como se ele falasse outro idioma, não a língua portuguesa. As línguas espanhola, portuguesa são muito parecidas. É mais ou menos essa

comparação que se poderia fazer com a forma de o nosso aluno se comunicar, ele fala outra língua.

“Há indícios de que pessoas com dano no lobo parietal inferior (LPI) esquerdo perdem muitas vezes a capacidade de interpretar metáforas e se tornam extremamente literais.” (RAMACHANDRAN, 2018, p. 119) O nosso também não consegue interpretar metáforas. Sua capacidade de compreensão é simples e denotativa, isto é, ele entende o que as palavras dizem, nunca vai para a entrelinha ou para o não-dito.

Segundo Stanislas Dehaene (2014, p. 16), “la adquisición de la lectura es un paso muy importante en el desarrollo de un niño. Y muchos niños tienen que hacer grandes esfuerzos al comienzo para aprender a leer”. E o nosso aluno em questão enfrentou muitas dificuldades para aprender a ler. Já estava no sexto ano e ainda não conseguia entender um texto. Os professores o aprovavam apenas por ser um aluno de inclusão com muitos laudos.

“En particular, subraya por qué las primeras investigaciones de la lectura avalaban erróneamente el enfoque de la palabra completa, y cómo las investigaciones recientes (...) prueban que esas teorías estaban equivocadas.” (DAHAENE, 2014, p. 17) No caso do aluno em foco, quando o conhecemos no 6º ano ele já tinha alguma base, certos rudimentos de leitura. Talvez por esse motivo o processo de aquisição da leitura tenha sido um pouco mais fácil. O professor titular da cadeira de português, junto das tutoras, praticavam a leitura de sílabas e a formação de palavras de apenas duas sílabas sem complicações, ou seja, sem muitas vogais ou consoantes. E deu certo. “Lejos de ser una pizarra en blanco que asimila todo lo que se encuentra a su alrededor, nuestro cerebro se adapta a una cultura dada cambiando mínimamente el uso de sus predisposiciones para darles un uso diferente.” (DAHAENE, 2014, p. 22) Logo, o aluno não era um quadro em branco, ele tinha algum conhecimento, que o ajudou na aquisição da leitura.

Anna Simmonds fez uma pesquisa com professores, e “90 per cent of teachers thought that a knowledge of the brain was important, or very important,

in planning for teaching and learning”. (2019, p. 9) Estudando neurociência, o professor tem condições de saber que atitudes tomar no sentido de contribuir não só no aprendizado da leitura, como da matemática, da geografia e de outras matérias.

Agora mostramos as atividades simplificadas que utilizamos para analisar a sua capacidade interpretativa.

3 ATIVIDADES COM TEXTOS FILOSÓFICOS

Neste capítulo, trazemos amostras de atividades com silogismos e textos filosóficos e perguntas de interpretação que organizamos para o referido aluno de inclusão. Quanto ao silogismo, fizemos relações que dizem respeito a sua realidade. Na outra seção da metodologia, a que se refere aos textos filosóficos, escolhemos enxertos pequenos e simples, mas modificamos ainda mais, quando necessário, até porque o livro *Grandes filósofos falam a pequenos filósofos* foi escrito para crianças normais, não para adolescentes com retardamento mental, como é o caso do nosso aluno. Por exemplo, no primeiro texto cortamos parte dele e ainda eliminamos uma palavra que nos pareceu de difícil compreensão a um portador de necessidades especiais.

Dez silogismos

1 Todos os porquinhos gostam de banho de lama.
Ora, Pepa Pig é um porquinho.
Logo, _____

2 Todos os brasileiros gostam de futebol.
Ora, Gabriel é um brasileiro.
Logo, _____

3 Todos os japoneses gostam de lutas.
Ora, Keiko é japonesa.
Logo, _____

4 Todas as professoras que fizeram Magistério são excelentes.

Ora, Elaine fez Magistério.

Logo, _____

5 Todos os cachorrinhos são carinhosos.

Ora, Totó é um cachorrinho.

Logo, _____

6 Todos os filmes de ação são emocionantes.

Ora, Rambo é um filme de ação.

Logo, _____

7 Todos os professores são inteligentes.

Ora, Fabiane é uma professora.

Logo, _____

8 Todas as mulheres são queridas.

Ora, minha mãe é uma mulher.

Logo, _____

9 Todas as merendeiras são dedicadas.

Ora, a Maria é uma merendeira.

Logo, _____

10 Todos os intelectuais são cultos.

Ora, Nicanor é um intelectual.

Logo, _____

Texto 1 – Heráclito

“Tudo muda. O ponto do rio onde Tom se banhava há pouco não é mais exatamente o mesmo: no tempo que Tom levou para se secar, a água passou sob a ponte, e o galho de árvore que flutuava à direita foi levado pela correnteza. À margem, as folhas das árvores ainda estão verdes, mas, quando chegar o outono, ficarão amarelas e depois cairão. O próprio Tom mudou: estava com calor, agora se seca para não pegar um resfriado. No tempo de um banho,

envelheceu (...); se voltar no ano que vem para se banhar ali, já será outro menino: terá crescido vários centímetros e aprendido muitas coisas.” (BOIZARD, AUDOIN, 2015, p. 38)

Pergunta: Por que Tom, quando se banhou pela segunda vez no mesmo rio, não era mais o mesmo, e o rio não era mais o mesmo?

Texto 2 – Francis Bacon

“O pai de Leo é médico. Em função de seus conhecimentos sobre o corpo humano, ele consegue identificar a maioria das doenças. Pelo seu saber, detém um poder: o de curar um grande número de doentes. O tio de Josi é químico, ele sabe tudo sobre componentes químicos. Com esse saber, ele pode fabricar remédios, adubos, produtos de beleza e várias outras coisas. Assim que tem uma ideia nova, ele a experimenta no laboratório para ver quais aplicações ele daria. O tio de Josi nunca se prende à teoria, ele sempre tenta pôr suas ideias em prática.” (BOIZARD, AUDOIN, 2015, p. 15)

Pergunta: Qual a importância do conhecimento?

Texto 3 – Jean-Jacques Rousseau

“Josi sonha morar em uma ilha, ter uma bela casa só para ela, com roseiras ao longo da parede, cortinas quadriculadas nas janelas e um terraço com vista para o mar, de onde veria, todas as noites, o último barco partindo para o continente. De sua cama, ela ouviria o som das gaivotas e a buzina de neblina da barca. (...) Cada vez que Josi pensa em sua ilha, ela sente-se bem. (...) Mas é provável que, se um dia seu sonho se realizasse, ela ficasse um pouco decepcionada: ela sofreria, sem dúvida, com solidão e isolamento.” (BOIZARD, AUDOIN, 2015, p. 51)

Pergunta: Por que Josi talvez ficasse triste se seu sonho se realizasse?

Texto 4 – Platão

Três homens estão acorrentados numa posição que ficam de frente para a parede de uma caverna e só consegue ver a sombra refletida nessa parede do que acontece lá fora. Eles acham que são monstros os que estão fora da caverna. Porém um deles escapa e vai para a rua e nota que nada do que ele e seus amigos pensaram era verdadeiro. Então volta para a caverna a fim de contar o que descobrirá para os amigos, porém nenhum deles acreditou. (texto nosso)

Pergunta: Por que nenhum dos amigos acreditou naquele que saiu da caverna?

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Recapitulando, a finalidade de dividir o trabalho em dois momentos foi para instrumentalizar o aluno com os silogismos para que melhorasse a sua capacidade de interpretação de textos. Como já trabalhamos com o referido aluno há três anos, sabíamos que ele não tinha condições de interpretar um texto, por mais simples que fosse. Já tivemos inúmeras amostras disso. Mas, talvez por causa do auxílio do exercício de lógica aristotélica, sua capacidade de interpretação melhorou.

Sobre o silogismo, primeiro tivemos de pedir à secretária da escola para ampliar a letra, porque o aluno também possui dificuldade visual. Num primeiro momento, ele não entendeu nada da atividade. Então demos um exemplo: todos os alunos da nossa escola são ótimos. Ora, tu és um aluno da nossa escola. Logo, tu és ótimo. Aí o rapaz nos disse que havia entendido e começou a fazer.

No segundo silogismo, ele nos mostrou, e havia um erro. O silogismo é o seguinte: “Todos os porquinhos gostam de banho de lama. Ora, Pepa Pig é um porquinho. Logo, Pepa Pig gosta de banho de lama”. Fizemos sobre essa personagem de desenho animado, porque ele gosta dela. Sobre a sua resposta,

disse “gosta de banho de lama”, sem mencionar o nome da Pepa Pig. Então lhe explicamos que isso não poderia acontecer, porque o leitor não entenderia quem gosta. Depois disso, o rapaz não cometeu mais nenhum erro, mas isso nos alertou para o que já ouvimos de alunos de inglês e espanhol diversas vezes. Alguns alunos dizem que fazer exercícios em série com o mesmo raciocínio torna automático o preenchimento dos espaços em branco, e isso não permite que o estudante pense, ele apenas responde, sem raciocinar. Porém repassamos os textos maiores para ver se houve melhoria no processo de interpretação e constatamos o seguinte:

Quanto ao primeiro texto, fizemos a seguinte pergunta: Por que Tom, quando se banhou pela segunda vez no mesmo rio, não era mais o mesmo e o rio não era mais o mesmo?

O menino respondeu o seguinte: “Porque envelheceu. Se voltar no ano que vem para se banhar ali, já será outro menino. O rio não será mais o mesmo, porque a água passou sob a ponte, e o galho da árvore que flutuava à direita foi levado pela correnteza.” Portanto, ele respondeu certo. Apenas cometeu deslizes gramaticais, uma vez que não acentuou corretamente nenhuma das palavras.

Pulamos da primeira para a terceira pergunta, porque houve um problema no momento de tirar cópia na secretaria. Disseram-nos que não havia chegado o texto 2, motivo pelo qual tivemos de abortá-lo, pois não teríamos como ir para casa buscá-lo, nem mesmo entrar no e-mail para ver o que aconteceu. Era uma turma de sétimo ano e não podíamos deixá-los sozinhos sem professor.

Quanto à terceira pergunta: Por que Josi talvez dissesse triste se seu sonho se realizasse? Aqui está perguntando acerca do sonho dela de ir viver sozinha numa ilha deserta. O aluno respondeu: “Ela ficaria um pouco decepcionada. Ela sofreria, sem dúvida, com a solidão e o isolamento.” Mais uma vez, apareceram erros gramaticais, com verbo mal conjugado e falta de letras, porém a resposta estava certa, conforme o texto. Mas um aluno normal talvez a ampliasse e fizesse outras reflexões, falando sobre a importância de se viver em comunidade e de sermos seres sociais. Ele não fez nada disso, apenas copiou a resposta do texto.

Na pergunta quatro, que trata do mito da caverna, fizemos a seguinte indagação: por que nenhum dos amigos acreditou naquele que saiu da caverna? O rapaz respondeu o seguinte: “Porque os amigos também viram a sombra refletida nessa parede e acharam que ele estava mentindo.” Dessa vez, o estudante não cometeu erros gramaticais e respondeu acertadamente conforme o texto.

Enfim, parece que a metodologia deu certo. Primeiro trabalhamos com os silogismos e, a seguir, fomos para interpretações de texto mais consistentes, ainda que fossem textos simples, escritos para um portador de necessidades especiais, porém, mesmo assim, obtivemos bons resultados.

4 ÚLTIMA PALAVRAS

Embora os textos com os quais trabalhamos não sejam efetivamente filosóficos (até porque, se fossem, jamais um aluno deficiente mental conseguiria compreendê-los), obtivemos bons resultados com eles. As perguntas interpretativas eram bem simples, porém se moldavam à necessidade do estudante. O ensino de filosofia funcionou como facilitador para o desenvolvimento de habilidades cognitivas de interpretação, uma vez que instrumentalizamos o adolescente com exercícios de silogismo, o que lhe facilitou a compreensão de textos um pouco mais complexos, atividade que ele não conseguia realizar anteriormente.

REFERÊNCIAS

BOIZARD, Sophie; AUDOIN, Laurent. *Grandes filósofos falam a pequenos filósofos*. São Paulo: FDT, 2015.

DEHAENE, Stanislas. *El cerebro lector*. Últimas noticias de las neurociencias sobre la lectura, la enseñanza, el aprendizaje y la dislexia. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014.

Lei nº 13.146, de 6 de Julho de 2015. Lei esta que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <https://lobo.jusbrasil.com.br/artigos/344141911/deficientes-e-alei-de-inclusao-o-que-precisamos-saber> Acesso em: 01 de agosto de 2019.

RAMACHANDRAN, V.S. *O que o cérebro tem para contar*, desvendando os mistérios da natureza humana. São Paulo: Zahar, 2018.

SIMMONDS, Anna. *How neuroscience is affecting education*.

Disponível em:

https://www.google.com/search?q=SIMMONDS%2C+Anna.+How+neuroscienc+e+is+affecting+education.&rlz=1C1EJFA_enBR715BR715&oq=SIMMONDS%2C+Anna.+How+neuroscience+is+affecting+education.&aqs=chrome..69j57.1281j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8

Acesso em: 06 de setembro de 2019.